

11 DE ABRIL DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 25101 de 11 de Abril de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



CAPELAS IV

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Esta é a quarta edição do suplemento "Património" sobre capelas, em Esposende, o que mostra a grande tradição do povo cristão esposendense, "plantando" capelas pelos montes e vales do concelho. As capelas, do aumento do património arquitectónico e religioso, permitem também uma grande vivência de tradições populares nas localidades, ligadas aos padroeiros. Esta edição "Capelas IV" é centrada nas capelas das freguesias de Belinho e Vila Chã. Em Belinho, temos a Senhora da Guia, com o seu santuário, a história e a lenda. Na capela de Santo Amaro, igualmente de grande devoção, além da história, também não poderia faltar a sua lenda. Estas tradições lendárias, fruto de imaginação ou até de fé dos nossos antepassados, estudiosos ou simples guardiões de mitos e historietas, ajudam a enriquecer a cultura dos povos das localidades.

Na histórica e riquíssima, em termos patrimoniais, freguesia de Vila Chã, abordamos apenas uma capela, a capela de São Lourenço, num dos pontos mais altos do concelho de Esposende. Este pequeno templo, já referenciado no século XVI, encima o famoso Castro de S. Lourenço, já tratado aqui nestas páginas. A actual capela é fruto de uma série de remodelações ao longo dos séculos. Da quinhentista capela, restará pouco mais que o espaço e a memória.

Capela de S. Lourenço edificada para cristianizar povoado castrejo



> A capela de S. Lourenço foi construída na acrópole de um antigo povoado castrejo

A antiguidade da capela de S. Lourenço, na freguesia de Vila Chã, é inquestionável, não se sabendo, no entanto, quando terá sido edificada. Os historiadores acreditam que a sua construção poderá estar relacionada com a cristianização de antigos povoados castrejos, onde outrora se adoraram deuses pagãos. No seu livro "Vila Chã - uma terra milenar", Manuel Albino Penteadado Neiva afirma que «não se conhecem documentos que nos permitam inferir sobre a data da fundação da capela de S. Lourenço».

«Como escreveu o professor doutor Franquelim Neiva Soares, "estranha-se, à primeira vista, a falta de registo da capela". Tal facto poderá vir confirmar "a sua origem antiquíssima, sinal de que se terá querido cristianizar qualquer santuário de culto pagão, seja pré-histórico ou romano", acrescenta.

Sobre esta cristianização de lugares onde outrora foram praticados cultos a divindades, Martins Sarmiento escreveu no seu livro "Dispersos" que «erguia-se muita vez um monumento cristão onde um monumento pagão, se obstinava a conservar-se». «Isto é um facto provado, que tira toda a pecha de arbitrário à nossa

hipótese, de que a erecção de capelas e ermidas na maioria dos castros deva a sua origem ao propósito deliberado de fazer esquecer um deus ou deusa, que ali dominou, por um taumaturgo de religião nova», sustenta o arqueólogo.

Segundo Manuel Albino Penteadado Neiva, o documento mais antigo que se conhece referente a este pequeno templo é o Tombo da freguesia de Vila Chã, elaborado em 24 de Fevereiro de 1549. «A sua leitura é clara e esclarecedora dos limites desta freguesia afirmando a dado passo que "...disseram que o limite da dita igreja começava na ermida do Bem-Aventurado São Lourenço que está sobre o monte que se chama de S. Lourenço».

Assim, salienta o historiador que, «desse mesmo documento podemos deduzir que a capela já existia pois nele se afirma que "...isto ouviram sempre dizer a seus pais e avós", logo estamos perante uma construção pelo menos do século XVI, embora profundamente alterada».

Capela reconstruída nos anos 30 do séc. XX

A grande alteração da capela de S. Lourenço aconteceu nos anos 30 do século XX, quando o pequeno templo foi totalmente reconstruído,

fiando apenas a memória fotográfica da capela primitiva.

Na altura, afirma Manuel Albino Penteadado Neiva, «Manuel de Boaventura lutou contra a sua demolição pois tratava-se, segundo ele, de um monumento românico». O historiador conta ainda que Manuel de Boaventura chegou mesmo a apresentar uma maqueta da autoria do arquitecto Vilaça, onde se previa a ampliação da capela sem, no entanto, a destruir. A dúvida colocada por Penteadado Neiva é se, realmente, este pequeno templo, na sua arquitectura primitiva, apresentava elementos românicos. «Queremos referir que num postal datados dos primeiros anos deste século [século XX] e fotografado pela objectiva de Soucasaux não nos parece que o seu estilo apresente motivos românicos mas, infelizmente, a capela não aparece fotografada de frente, onde, naturalmente estes indícios seriam mais notórios», afirma. Actualmente, a capela de S. Lourenço é um pequeno templo, com torre sineira, cuja porta principal é formada por um arco ogival simples, existindo uma escadaria exterior no lado Norte que dá acesso ao coro. «O edifício é constituído por três elementos, ou seja, o corpo da capela, com púlpito em granito e cuja

capela-mor arredondada possui, numa peanha também em granito, a imagem do patrono e um pequeno altar. Os outros dois elementos são duas sacristias, uma a Sul e outra a Norte, esta construída» mais recentemente, descreve o historiador. Ainda segundo Penteadado Neiva, quando esta sacristia do lado Norte foi edificada terá desaparecido «um precioso elemento que marcava a arquitectura primitiva, que era um nicho, talvez o que servia de suporte a S. Lourenço, em granito e que, por falta de informação foi desmantelado e incorporado na nova parede». O historiador chama também a atenção para um outro vestígio que foi reutilizado e que se encontra na fachada da capela de S. Lourenço, tratando-se de uma mó romana, sobre a qual se encontra gravada uma data já gasta pelo tempo e, por isso, imperceptível.

Outros elementos destacados por este investigador e que se encontram na zona envolvente da capela são, em primeiro lugar, um bloco granítico, com a inscrição da data 1673, e um outro bloco granítico decorado, com uma inscrição que tem suscitado polémica. Uns afirmam tratar-se de uma data e outros dizem ser uma cipo, talvez da época romana, reutilizado.

S. Lourenço é advogado para curar dor de dentes

Acrença popular em Vila Chã, e até no concelho de Esposende, diz que, quando se tem dor de dentes é a S. Lourenço que se deve recorrer, dando-lhe em troca telhas que devem ser roubadas. Segundo o historiador Manuel Albino Penteado Neiva, «não vai longe o tempo em que se viam pessoas a cumprirem a sua promessa carregando, à cabeça, o tradicional molho de telhas». Num trabalho elaborado sobre este pequeno templo, o investigador lembra mesmo «que o retelhar da capela era feito com a telha oferecida como paga das promessas». No entanto, acrescenta, «para que a cura se efectuasse era imposta uma condição», ou seja, «as telhas que iam ser oferecidas deviam ser roubadas».

Manuel Penteado Neiva afirma ainda que, relacionado com o culto a S. Lourenço, existia a poucos metros da capela «a célebre e tão miraculosa "pia da virtude"», tratando-se de «um penedo bastante eolizado, como muitas "marmitas de gigante", que possuía o dom de curar».

As covas, explica, permaneciam cheias de água e, segundo aquilo em que as pessoas acreditavam, esta subia conforme as marés do mar. «Era numa dessas covas, mais precisamente a maior, que tinha lugar o "banho santo". As mães, muitas vezes vindo de longe, carregavam os seus filhos doentes com "maleitas" e, retirando-lhes as roupas, lavavam-nos com a água que acreditavam ser "milagrosa", conta o historiador, acrescentando ainda que, após este banho, as crianças eram vestidas com roupas novas e as velhas eram abandonadas ao redor do penedo.

«Mas podia acontecer o caso da mãe ser de muito longe e estar impossibilitada de vir a S. Lourenço então, através de alguém conhecido, pedia "pelas almas" que lhe levassem um garrafão com água da pia e, em casa, procedia ao banho da criança», conta ainda Manuel Albino Penteado Neiva. Para além deste poder de limpar as "maleitas das crianças, esta água também tinha o dom de ser refrescante nos momentos de sede. Segundo o historiador, este local situado perto da capela de S. Lourenço «era ponto obrigatório de passagem, e momento para saciar a sede, para todas as pessoas que se dirigiam para a feira de Esposende».

A par destas crenças, a capela de S. Lourenço também tem associada a si algumas lendas populares, uma das quais comum aos vários locais onde existiram povoados castrejos. Segundo conta o povo, existe aqui uma moura encantada que, quem tiver a infelicidade de a ver, fica arrepiado para o resto da vida.

Outra lenda conta ainda que, quando os mouros foram batidos deste lugar, os velhos, as mulheres e as crianças refugiaram-se nos bosques. Quando regressaram e viram as suas casas incendiadas e destruídas e os seus soldados dizimados, procuraram abrigo numa chã situada a Norte, dando início ao que é hoje Vila Chã.

Festa de S. Lourenço

Em relação às festas de S. Lourenço nesta capela, é importante assinalar que estas são festividades muito antigas, havendo registo delas já no século XVIII. Nas Memórias Paroquiais, transcritas por José Viriato Capela, no livro "As freguesias do distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 – A construção do imaginário minhoto setecentista", o pároco de então afirma que, no dia do santo, «que hé a dez do mez de Agosto, concorre gente das freguezias vizinhas e se faz hum feirão em que se vendem frutas e couzas que pertencem ao uzo das lavradeiras». «E no mesmo dia concorrem prociçoins das freguezias vizinhas e veira do mar e a capella hé venerada pellos freguezes desta freguezia», acrescenta o pároco. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, «também no Real Arquivo da Casa de Bragança existe um documento de 1823» que menciona a festa de S. Lourenço.

Na opinião do historiador, «para Vila Chã, esta capela e S. Lourenço sempre constituíram, motivo de grande orgulho e devoção e, disso dá-nos conta uma célebre procissão realizada em Agosto de 1933 que, saindo da igreja paroquial, se dirigiu para a capelinha». «Nela tomaram parte, para além da população da freguesia, muita gente das vizinhas, muito clérigos e autoridades civis», tratando-se de um procissão penitencial, onde se pediu a S. Lourenço «alguma frescura para as searas, que à míngua de chuva estão a enfraquecer».



> Imagem de S. Lourenço



> A cidade de Esposende vista do interior da capela



> Capela-mor do pequeno templo dedicado a S. Lourenço

PADRE LEAL FEZ DO NICHU UM SANTUÁRIO COM VISTA PRODIGIOSA

Devoção à Senhora da Guia é antiga mas a capela é recente

A capela da Senhora da Guia, em Belinho, é recente. Foi construída no século XX e tem vindo a ser sucessivamente melhorada ao longo dos anos, transformando-se num grande santuário, com uma vista panorâmica prodigiosa.

No entanto, se o templo é recente, o mesmo não se pode dizer da devoção à padroeira, cuja invocação naquele monte é antiquíssima. Aliás, a Senhora da Guia é venerada um pouco por todo o País, mormente na costa portuguesa.

Segundo a publicação "Senhora da Guia", edição do Conselho Pastoral Paroquial de Belinho – Esposende, «a actual capela foi antecedida de um nicho sobre o qual se encontram referências desde tempos antigos. Segundo algumas tradições, no tempo das invasões de bárbaros e muçulmanos, os cristãos refugiaram-se no monte da Guia, trazendo consigo uma imagem de Nossa Senhora, que esconderam na cova de um penedo. E, ao longo dos séculos, a invocação dos cristãos foi sempre a mesma: Nossa Senhora da Guia, abençoai a nossa freguesia».

Ora, a acreditar na tradição, a invocação será, aproximadamente, desde o século IV. Isto tendo em conta a baliza temporal das primeiras invasões bárbaras.

No início do segundo quartel do século XVIII, aquando do levantamento do património de todo o país, inquirido que viria a consubstanciar-se nas "Memórias Paroquiais de 1758", os vigários de Belinho dessa época não fizeram qualquer referência à devoção no Monte da Guia. Um lapso ou terão simplesmente ignorado aquele pequeno nicho.

Na brochura "O Monge da Senhora da Guia, Lendas e Narrativas", é contada a extravagante estória de um monge, filho de um cabreiro de Belinho, que residiu na gruta. Estória que se terá passado no século XIX. Fala-se no toque de uma sineta, mas em momento algum se fala em capela.

De facto, só com a chegada do padre Manuel José da Costa Leal, é que o santuário ganhou vida e, sobretudo, atingiu uma notável monumentalidade, com a construção, em primeiro lugar da capela, substituindo o antigo nicho, e, posteriormente, a construção do escadório.

As obras da capela tiveram início em Abril de 1972 e, no dia 19 de Maio do ano da Revolução dos Cravos, 1974, foi benzida e nela foi celebrada a primeira eucaristia.

Intervenções sucessivas e crescimento do santuário

A partir dessa altura e com o local a ser cada vez mais procurado, prosseguiram-se os melhoramentos, por forma a dar maior comodidade aos romeiros da Senhora da Guia.

A brochura "Senhora da Guia" faz um elenco das principais intervenções, sempre com a extrema dedicação do saudoso padre Leal. Assim, no dia 16 de Maio de 1976, foi benzido o cruzeiro e um ano depois foi inaugurado e benzido o monumento em honra da Virgem. É uma estátua com 1,60 metros de altura, assente sobre colunas de 3,5 metros, também em granito, uma homenagem dos emigrantes de Belinho. Em 1979, a luz eléctrica chegou ao santuário. No ano seguinte, começaram a ser construídos os primeiros degraus do escadório, que vai desde o sopé do monte até à capela. No entanto, houve um interregno e só em 1988 é que os trabalhos começaram em força. «O escadório consta de aproximadamente 400 degraus, intervalados por algumas dezenas de pátios. Acompanha a encosta do monte e, para além de proporcionar fácil acesso à capela, permite apreciar em toda a sua extensão uma magnífica paisagem (...) onde se conjuga harmonicamente com o pinhal, o monte e o mar», lê-se na publicação. A par do escadório fizeram-se outras obras. Por exemplo, aquando da sua construção, a capela não dispunha de qualquer edifício de apoio, e era uma necessidade. Assim, foi construída a casa de apoio, por forma a que a capela fosse exclusivamente para repouso, recolhimento e oração.

A estatuária foi sendo enriquecida. Além da imagem da Senhora de Fátima com os pastorinhos, sobressai



> Santuário da Senhora da Guia, com vista deslumbrante

a enorme e imponente imagem de S. Cristóvão, capaz de olhar não só para os seus protegidos, os automobilistas, mas também as freguesias de Belinho, S. Bartolomeu do Mar, S. Paio de Antas, e ainda algumas de Viana do Castelo. Aliás, Senhora da Guia e Santa Luzia saúdam-se mutuamente.

A imagem de S. Cristóvão foi ali colocada no dia 12 de Agosto de 1979, depois de ser benzida na igreja paroquial.

Em 2002 foi realizada a primeira peregrinação arceprestal ao monte da Senhora da Guia. Em 2005, os paroquianos de Belinho, que não são ingratos, homenagearam o grande obreiro do santuário, com uma estátua.



> Altar-mor da capela, com imagem da padroeira, Senhora da Guia



> O padre Leal foi o grande obreiro do santuário da Senhora da Guia

RENEGADO, CAUTELEIRO, FRADE E PEREGRINO QUE FOI A ROMA VER O PAPA

Mirabolante história do “monge” descendente do cabreiro de Belinho

Quase todas as capelas têm, à volta da sua construção, histórias, lendas e mitos, uns mais acreditáveis, outros mais romanceados e mirabolantes. Nas páginas deste suplemento “Património”, desde que feita a devida distinção entre aquilo que é lenda e o que é história, toda a tradição oral ou escrita é levada em consideração. Isto porque estas histórias são interessantes património imaterial das freguesias e fazem parte da cultura das populações. Registámos que, entre as centenas que reproduzimos ao longo destes quase seis anos de “Património”, no distrito de Braga, esta história à volta do monte da Senhora da Guia será das mais mirabolantes e ricas. Curiosamente, é apresentada como «verdadeira e hodierna».

Saiu no jornal “O Povo Esposendense”, edição de Maio de 1896, e foi contada por Manuel Boaventura, ilustre escritor e historiador de Esposende, patrono da Biblioteca Municipal. No ano 2000, o “conto” foi transcrito na brochura “O Monge da Senhora da Guia – Lendas e Narrativas”. Aqui só vamos contar alguns episódios, mas é digna de ser lida na íntegra. Tudo terá começado em Maio de 1820, tempos conturbados com a Revolução Liberal em Portugal. Um cabreiro de Belinho, encontrou um recém-nascido envolto em farrapos. «Mal podia mover-se e respirar». O bondoso homem pegou no menino, mostrou-o à mulher e decidiram ficar com ele. Afortunadamente, ela estava a amamentar um filho e foi fácil alimentar o renegado. A notícia espalhou-se, revoltando a população, que não compreendia como é que alguém abandona um recém-nascido na rua, ao mesmo tempo que louvava a atitude do casal. Passado o reboliço, o pobre cabreiro de Belinho passou a cuidar do menor como um filho, mas este tinha vocação para “vagabundo”. «Mas há-de causar estranheza que tão boas almas não pudessem incutir ânimo daquela criança a sua tão má índole, pois que saiu, no decurso da sua vida, o mais descarado intruso que se criou nestes sítios», conta Manuel Boaventura.

Cauteleiro em Lisboa e monge em Belinho

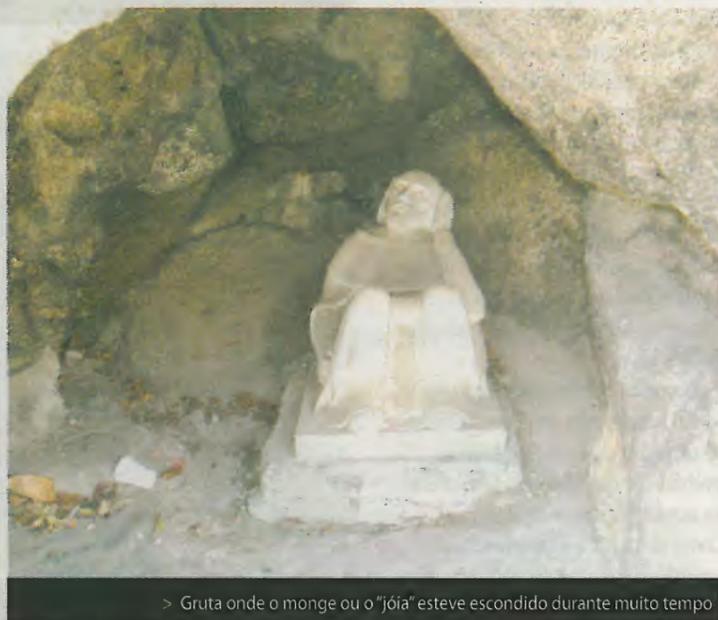
Aos 19 anos, foi procurar a vida em Lisboa, onde esteve entre 1840 e 1852. Era o cauteleiro de longas barbas do bairro Mouraria, onde era conhecido como “o jóia”. Além de cauteleiro, também era «mendicante gotoso», muito convincente, o



> Imagem de São Cristóvão, de “olhos” em Esposende e Viana



> Sendo santuário mariano, não poderiam faltar os ícones de Fátima



> Gruta onde o monge ou o “jóia” esteve escondido durante muito tempo

que lhe rendia avultadas esmolas. Alguns anos mais tarde, o filho adoptivo do cabreiro de Belinho, qual filho pródigo, regressou à terra natal. Foi avistado por crianças que por ali pastavam as suas ovelhas. Terá ameaçado os pastorinhos. Estes, ao contarem aos pais, desencadearam uma vigorosa busca pelo monte, à procura do intruso. Foi encontrado na gruta vestido de hábito de monge, num quadro verdadeiramente dramático e semi-fantástico: «trazia longas barbas naturais e usava sandálias à

imitação dos verdadeiros monges beneditinos». Estava «no meio da gruta, ajoelhado, com braços em cruz e olhos fixos no tecto». Foi tomado como um monge, que só se sustentava a pão e água e até tinha marcas de chicote de auto-flagelação. A esperteza e malícia do “jóia” contrastava com a ingenuidade e ignorância do povo, que até lhe atribuiu milagres. Lá ia tendo uma boa vida. Se de dia era santo, à noite descia das montanhas para casa de uma senhora. Terá confiado demasiado

na ingenuidade e bondade do povo, descuidou-se e um dia foi visto. Perante a ira dos residentes, foi corrido da freguesia e regressou a Lisboa. Por ocasião do aniversário natalício do Papa Pio IX, fez-se uma peregrinação a Roma. Com astúcia integrou-se na comitiva, mas não viu o Papa e voltou mais tarde que os restantes peregrinos. Regressou a Lisboa e à profissão de cauteleiro. Aconteceu-lhe uma vez não conseguir vender algumas cautelas e teve que ficar com elas e

acabou premiado. Com dinheiro começou a fazer negócios com ouro, mas o sonho era regressar à “sua” gruta no monte da Senhora da Guia. Em Março de 1878, reapareceu na gruta, parecia um meliante e o povo não o magoou. Instalou-se definitivamente na covã dos monges. Depois saiu e foi viver num casebre junto à montanha. Em 1999, o padre Leal encomendou ao jovem João Filipe de Sá, uma escultura do profeta Elias, o Santo do sono, e colocou-a na gruta.

FESTAS COM MUITAS PARTICULARIDADES

Capela de Santo Amaro terá origem na alta Idade Média

A capela de Santo Amaro, em Belinho, é mais uma em que já só restam o espaço e a memória daquela que seria a original. Investigadores apontam no sentido de ser «continuada de uma das primitivas "villas-ecclesias"», extintas com a Reforma Gregoriana. Ou seja, na alta Idade Média, entre a queda do Império Romano do Ocidente, 476, até ao ano 1000.

Segundo Teresa Ricou, no livro "Santo Amaro de Belinho", se a capela data da segunda metade do século XVII, «a sua origem poderá ser muito mais remota, possivelmente continuadora de uma das primitivas "Villas-ecclesias", aquelas que com a Reforma Gregoriana e a reestruturação do quadro paroquial ao longo do século XII/XIII». Terão sido extintas, acabando por desaparecer, em certos casos, ou por transformar nas capelas dos lugares onde estão inseridas.

A autora admite que esta terá sido a situação da capela de Santo Amaro, até pela sua localização, isto é, «no centro de um antigo território».

A tradição diz que a capela ou presumivelmente uma antiga igreja paroquial, pequenina, estaria algures mais para sudoeste da actual, na encosta do monte. Teresa Ricou acredita nessa possibilidade, uma vez que atrás da arruinada Quinta da Boavista, reconstruída na primeira metade do século XVIII por Miguel Aranha Pita, apareceu o pé de um altar, com características moçárabes. Também foram encontrados restos de telha [telha romana], como avança o arqueólogo Carlos Alberto Brochado de Almeida.

A autora da publicação pergunta se Santo Amaro não seria o epicentro de uma das duas ecclesias pré-românicas que viriam a formar-se na actual freguesia de Belinho. Como já foi dito, a capela é hoje um imóvel sem estilo definido, fruto das imensas alterações nela realizadas ao longo dos tempos. A mais próxima da actual capela data do segundo quartel do século XVII, como testemunha a data de 1671, perpetuada, ainda que pouco visível, na base da cruz sobre a empena ocidental. Outro elemento importante que mostra a antiguidade da capela é a imagem do padroeiro, em madeira estofada, com traje dos beneditinos, «atribuível à parte final do século XVII, o que, aliás, está de acordo com a cronologia da capela». Mas o documento mais concreto que existe chega-nos das "Memórias Paroquiais de 1758".



> A primitiva capela de Santo Amaro poderá ser de uma paróquia muito antiga



> Altar com Santo Amaro e outras imagens



> A sineira será uma réstia da capela do século XVII

Festa para solteiros casados e viúvos

À época, os vigários de Belinho, João de Araújo Silva e João Dias Cardoso, informaram os autores do inquérito da presença da capela de Santo Amaro, pertença dos moradores. «Em quinze de Janeiro se festeja e algumas pessoas vêm de romaria à dita capella, como são da villa de Espozende, Sam Miguel das Marinhas, Sam Bartholomeu do Mar, Sam Joam de Villa Cham, Sam Paio Dantas e Castelo do Neiva».

O que mostra a popularidade da festa não só na freguesia de Belinho, mas também nas circunvizinhas. Falando ainda dos aspectos arquitectónicos da capela, Teresa Ricou refere que se trata de um edifício de arquitectura «extremamente simplista, sem características individualizadoras de qualquer estilo», reflexo das inúmeras adulterações sofridas ao longo dos tempos. «Como único atributo, uma janela rasgada sobre a porta principal, rectangular formada por cantarias de granito e, sobre o beiral, ao centro,

uma sineira de pedra, constituída por um arco de volta perfeita, assente em toros quadrangulares». Nos últimos anos, a capela voltou a sofrer várias intervenções tanto no interior, designadamente no altar-mor, como no exterior. Recentemente, no dia 28 de Agosto de 2007, o adro ganhou outra dignidade com uma intervenção de fundo. Uma das particularidades das festas de Santo Amaro tem que ver com a divisão em estados civis, isto é, explica Teresa Ricou, o dia do padroeiro

é para os casados, no domingo anterior à festa é para os solteiros, enquanto que o domingo a seguir a prioridade é para os viúvos. Se antigamente a distinção era para levar a sério, hoje é apenas uma curiosidade e memória. A festa, essa continua, com devoção. Muitas pessoas fazem e pagam promessas, como se pode ver pela quantidade de ex-votos acumulados. Os antigos fazem referência a uma série de doces típicos da festa, entre eles as chamadas padas.

Lenda atribui fundação da capela ao caçador de Belinho

A capela de Santo Amaro está envolta numa lenda segundo a qual, este pequeno templo terá sido construído por um caçador de Belinho, em reconhecimento por este santo lhe ter salvo a vida depois de uma queda em que deixou de sentir as pernas.

Esta lenda é contada por Manuel de Boaventura e reproduzida no livro "Santo Amaro de Belinho", da autoria de Teresa Riçou.

Segundo conta, «noutros tempos, na era dos afonsinos, vivia aí, em Belinho, um famoso caçador que tinha sido noviço no convento de São Romão, ao da riba do Neiva, que além de abater lambareiras raposas, lobos, texugos, tourões e martas, conseguia frechar nédios porcos bravios, coelhos e lebres.

Uma das curiosidades desta história é o facto desta personagem não ter nome e, pelo facto de ser um grande manejador do arco e flecha, apenas ficou conhecido pelo "Caçador de Belinho".

A determinada altura, continua a lenda, o monte circundante encheu-se de «bichos bravos» que começaram a atacar os galinheiros dos habitantes de Belinho. Perante a situação, as pessoas alarmadas, sabendo da fama do caçador, pediram-lhe que as livrasse dos lobos e raposas que infestavam o monte.

O bom homem aceitou o pedido e, pegando no seu arco e nas suas flechas, foi pelo monte acima para dizimar os animais que faziam prejuízos nos galinheiros.

«A primeira raposa que lhe saiu, que devia ser rapozão finório, atravessou-a com tão afiada seta,

que a pregou ao chão. Preparou o arco para a que deveria sair pela porta do poente e saltou para arriba dum penedo traiçoeiro, que parece um pião. Mas inesperado repiolo de vento desequilibrou o pobre "Caçador" e arrebolou-o ao fundo do figão, à profundidade de três ou quatro braças. Coitado do pobre! Não morreu, mas partiu as duas pernas!», conta Manuel de Boaventura. Assim, o caçador, cheio de dores, começou a gritar e a pedir socorro no meio do monte, sem que ninguém o ouvisse. Já rouco e com a garganta seca, recorreu em pensamento a Deus, por intermédio do Santo Amaro Abade, a quem tantas vezes no convento de São Romão venerou no seu altar, para que o salvasse daquela aflição. Pediu que lhe desse pernas com que pudesse caminhar, ou que o levasse para si, para o libertar das dores que o consumiam.

Milagre de Santo Amaro

Entretanto, atormentado pelas dores e muito cansado, o caçador de Belinho adormeceu, quando subitamente sentiu o toque suave da asa de uma andorinha, que o acordou. Segundo a lenda, o caçador viu junto a si uma sombra de um homem que se prestava a dar-lhe ajuda. Era «um frade que envergava cógula de S. Bento, com braços e mãos de divina alvura» que lhe disse: "Ergue-te! Levanta-te! Caminha!".

Já não sentindo dores, o caçador pôs-se de pé, vendo a sombra partir em direcção ao céu, tentando, ao mesmo tempo, perceber de quem era aquele rosto. Assim, le-

vando as mãos às pernas percebeu que tinha sido Santo Amaro que o tinha curado, exclamando depois: "Bendito sejas tu à milagroso santinho".

«O jubiloso caçador perante a maravilha do anoitecer, sentia-se poeta pela primeira vez na vida e cantava louvores a Deus e aos santos da sua devoção, a par e passo que ia descendo as andurrinhas do pendor, a socairar por entre fragosos penhascos», conta Manuel de Boaventura. Pelo caminho, o homem decidiu ir na manhã seguinte ao convento de São Romão, onde fizera o noviçado, para agradecer a Santo Amaro a graça que lhe tinha concedido. Assim, na madrugada seguinte pôs-se a caminho e, quando chegou ao convento, ajoelhou-se junto à imagem de Santo Amaro, percebendo, logo de seguida, que aquelas feições eram tal e qual as da sombra amiga que o tinha salvado.

Erguendo-se, beijou a peanha e correu até Belinho, com o objectivo de contratar um mestre canteiro para construir uma capela.

«Meses depois, o D. Abade de São Romão benzia a capela e entronizava nela a própria imagem do convento que, com prazer, oferecia ao antigo noviço. O desastre na madrigueira das raposas aconteceu no dia 15 de Janeiro de remotas eras, dia consagrado ao Abade Santo Amaro. Era crença, entre os caçadores e o povo da região, que no sítio onde o caçador visionara a sombra salvadora as flores montesinas e as ervilhas rasteiras nunca secam e estão sempre floridas e verdinhas», conclui Manuel de Boaventura.



> Imagem de Santo Amaro



> Ex-votos oferecidos a Santo Amaro por graças recebidas



> Lenda conta que foi o caçador que mandou construir a capela



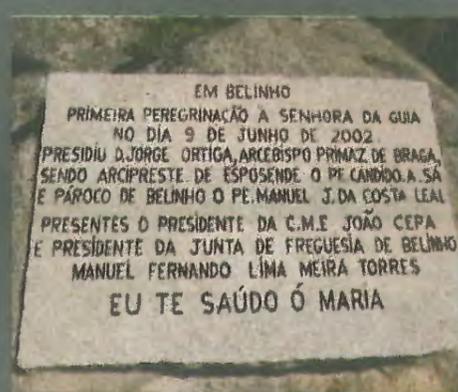
➤ A capela de S. Lourenço possui uma pequena torre sineira que nunca foi utilizada. No exterior salienta-se também o pequeno escadório que conduz ao coro deste pequeno templo



➤ No início da subida para a capela de Nossa Senhora da Guia está um pequeno oratório dedicado ao Senhor dos Aflitos. Este é o ponto de partida de uma Via Sacra que se prolonga até ao topo do monte



➤ Na fachada da capela de S. Lourenço, em Vila Chã, encontra-se uma mó que se pensa ser romana, sobre a qual foi gravada uma data que, pela acção erosiva, é imperceptível



➤ A capela de Nossa Senhora da Guia, em Belinho, acolhe, desde 2002, a peregrinação arceprestral de Esposende. No recinto do santuário há uma placa evocativa da primeira peregrinação que foi presidida pelo Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga



➤ Na capela de Santo Amaro, em Belinho, as pessoas também veneram S. Brás, advogado da garganta, S. João e S. Silvestre, possuindo imagens destes santos e pajelas que explicam a suas vidas



➤ A capela de Nossa Senhora da Guia foi construída num local de onde se obtém uma panorâmica única sobre o litoral. Com o tempo limpo é possível ver-se dali a cidade de Viana do Castelo e o santuário de Santa Luzia.